

As novas formas de sociabilidade dos espaços urbanos contemporâneos

João Maia

Doutor em Sociologia (Sorbonne-Paris V), pós-doutorando do PACC/UFRJ e Professor Adjunto da FCS/UERJ

47

Chegamos ao final do ano e o tumulto se instala pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro. É o caos. O trânsito está absurdamente caótico. Não existe mais previsibilidade para uma determinada rua, em determinado horário, estar congestionada: agora ela sempre, certamente, estará entupida. As pessoas enfrentam filas e mais filas em todos os lugares. Se formos às compras em alguma rede de supermercados, conhecida pelas grandes ofertas, vamos ver como o povo se relaciona cotidianamente entre si. Descobrimos o sentido que o homem comum dá para a experiência de compartilhar espaços recheados de gente, em expressões como é um “pega pra capar danado” ou para uma outra, bem usada popularmente depois de muito tempo, que é a “é um deus nos acuda do inferno” ou ainda uma atual que é “estava a maior muvuca” ou “ficamos muvucados”. E, assim, diante dessa movimentação toda, ou melhor, desse engarrafamento, somos obrigados a pensar sobre a noção de “civildade”. Afinal, parece que realmente gostamos de “viver-juntos”. Não temos dúvidas que existem regras para o exercício dessa experiência de compartilhar o espaço na cidade, porém, hoje, diante do acúmulo de informações e ofertas, questionamos a flexibilidade das “regras de conduta” para o homem circular pela cidade. Assim, tentaremos neste texto reconhecer alguns dos elementos que formam o retrato da sociabilidade urbana atual.

48

Para ilustrar a nossa visão sobre a sociabilidade na cidade contemporânea propomos, inicialmente, um passeio pelo bairro de Copacabana e com essa postura, de recolher informações no fragmento da cidade, pretendemos compreender a ambiência que caracteriza o convívio entre os homens atualmente, como um todo, holisticamente e sem a pretensão de dar conta de um retrato fiel das relações fixas e demarcadas no espaço urbano.

O bairro está intransitável mesmo. Está, na verdade, tumultuado e confuso. Apressado e lento ao mesmo tempo. São cinco e meia da tarde em Copacabana e o fluxo de gente e de carros impressiona. Os camelôs aos berros oferecem seus produtos, na maioria “importados”, e não nos deixam passar. Se vende de tudo um pouco. Os compradores param, abaixam no chão, gritam também. É a pechincha. Cotonettes, calcinhas, batons, dvd’s. “Pode chegar freguês... Vem cá, vem cá... É dez real só”. São camisolas, vestidos, aparelhos elétricos. Escovas elétricas para que os cabelos fiquem lisos com manual em inglês ou para inglês ver. Não apreendemos mais de maneira clara os objetos que nos circundam. Os carros e ônibus entopem a rua. Nos deixam imóveis. Parados. Atravessamos correndo entre os carros. Passamos do estado imóvel para o acelerado em questão de segundos, no mesmo espaço. Os motores roncam. O barulho é de ensurdecer...

Do outro lado da rua está uma das três praças principais do bairro e os nossos sentidos estão completamente sensíveis nesse momento de confusão e tumulto: Praça Serzedelo Correia. Já foi chamada de “praça dos paraíbas” devido aos seus freqüentadores. Eram os porteiros dos prédios das redondezas e empregadas domésticas que se reuniam festivamente após o trabalho. Espaço

de “sociabilidade nordestina” em uma época em que ainda era um privilégio morar em Copacabana. Isso era na década de sessenta. Hoje a praça possui grades altas que impedem a circulação frouxa de todos indistintamente. Seu público interior é o da terceira idade e, certamente, ainda tem festas celebradas pelo jogo de cartas ou de damas. O bairro foi se pluralizando, se fragmentando cada vez mais e hoje vivemos em Copacabana como se nossos olhos estivessem grudados em um caleidoscópio. Do lado de fora da praça, na calçada, hoje, assistimos os moradores de rua em plena discussão calorosa por uma disputa de cobertor. Os odores são dos excrementos. Alguns colocam suas feridas em exibição. A situação causa uma certa intranqüilidade por quem passa por ali. O deambular se torna tenso.

Gilberto Velho (1978) descreveu algumas zonas específicas de Copacabana como “subáreas”, com suas características individualizadas, formando a efervescência histórica do bairro. A zona de ocupação mais antiga era perto do Copacabana Palace e da praça do Lido. Com o crescimento do bairro essa área passou a ser ocupada de maneira plural, uma ocupação luxuosa com a opulência dos prédios da Avenida Atlântica; e outra pauperizada pela construção dos prédios com apartamentos mínimos que surgiram, em grande número, na década de 50, como o famoso edifício da Barata Ribeiro 200, além da proliferação dos hotéis, bares, restaurante, boîtes. “Algumas ruas estão repletas, dos chamados ‘inferninhos’ – bares-boîtes onde constantemente há incidentes, brigas confusões. Outras ruas desta área são consideradas ‘pesadas’ devido à presença de ‘maus elementos’ – prostitutas, puxadores de maconha, turmas de esquina de jovens mais agressivas etc...” (VELHO, 1978, p.25)

A “princesinha do mar”¹ encantou e atraiu muita gente e negócios. Os “prédios suspeitos” estavam cravados no bairro perturbando a boa moral daqueles que moravam no lugar da distinção social. O espaço que era do convívio plural e da sociabilidade múltipla estava fixado definitivamente na paisagem e no imaginário do bairro. Na década de setenta, em prédios com apartamentos muito pequenos se tinha a “*garçonnière*”. Era um espaço compartilhado por alguns amigos que se uniam para dividir as despesas e os prazeres nesse bairro permissivo. A “*garçonnière*” de Copacabana era onde se realizavam festas regadas com muitas bebidas e prostitutas. Os moradores, com sua moralidade rígida repudiavam tais comportamentos, mas permaneciam morando ao lado. A tolerância passou a ser marca do lugar.

As ruas do Rio de Janeiro, de nossos dias, podem ser, contraditoriamente, alegres e assustadoras. Lugar, por excelência, de misturas. É por onde circulam travestis, prostitutas, donas de casa, profissionais liberais, estudantes adolescentes, o povo negro das favelas em bandos e os moradores de rua. Nessa efervescência existe uma poderosa troca de “emotividade”. No bairro de Copacabana, como em outros da cidade, o real da experiência compartilhada com o outro constitui, simbolicamente e de maneira cotidiana, o espaço da sociabilidade na cidade e pode descrever, assim, a vida do homem comum

que cria mecanismos e rituais de convivência. Existe uma tolerância e esse sentimento é um dos efeitos ou, na verdade, pode ser considerado como um “reflexo” da mobilidade moderna. Hoje, não reconhecemos mais a força totalitária dos círculos fechados das instituições modernas de maneira absoluta e nos associamos em comunidades que respeitam a liberdade de espírito. É em fidelidade a esse imaginário que a passeata gay acontece em Copacabana. Na Avenida Atlântica, uma vez por ano, celebramos “oficialmente” a tolerância, que na verdade é exercida diariamente no bairro.

Os prédios, dessa área, hoje, possuem grades que não permitem a aproximação “de qualquer um”. As grades dão a sensação de segurança e distinção. As grades acalmam os sentidos de alguns indivíduos. Não é necessário sentir a rua. Do lado de fora estão os bandidos e mendigos e do lado de dentro os protegidos, os espaços de aconchego doméstico e purificado. Assim pensam alguns sujeitos que preservam, de maneira cautelosa, o circular pela cidade. É assim que os mais conservadores pensam em construir a sociabilidade do espaço público, sem compartilhar o sentimento de pertencer ao mesmo local que o outro. Para esses homens o outro na rua virou o bandido. O problema se concentra no outro. Tornam-se cada dia mais tensas as relações entre o indivíduo e o grupo na constituição do espaço do bairro. Podemos, em um primeiro momento de observação, afirmar que as relações civilizadas entre os homens são escassas. Isso acontece, por vezes, em consequência do pensar de alguns indivíduos que negam a pluralidade estrutural na história da formação do bairro, da cidade.

As cidades modernas foram palcos para encontros com desconhecidos, e diante desse cenário efervescente tínhamos que inventar novos modos de nos relacionar com os indivíduos que também estavam circulando nos novos espaços públicos. Seres civilizados inventavam maneiras de se relacionar com o estranho da cidade para dividir o espaço da circulação pública. Hoje, os deslocamentos realizados em espaços esvaziados de sentido nos impõem novos modos de interação. Podemos ver na cidade, por um ângulo, a circulação limitada e contida dos que ficam trancados em prédios cercados de grades, com câmeras em seus elevadores e que vivem sociabilidades específicas através das telas de seus computadores ou, por outro lado, nos entregamos às sensações diversas das novas comunidades efêmeras, na circulação aberta e fragmentada das ruas da cidade contemporânea. Surgem vários modos de circulação na cidade que nos colocam novas formas de sociabilidades.

A necessidade de mobilidade, de mudança, de circulação e de viagem é reconhecida em toda a nossa história de cultura urbana. Essa história é contada, na verdade, através das relações de amizade ou disputa entre os homens. As relações entre os indivíduos até poderiam ser de tensão em relação à sociedade, porém existiam códigos e regras rígidos para um indivíduo circular pelas ruas da cidade. Os homens, dessa maneira civilizada e moderna, poderiam se entender, se respeitar e construir os espaços de referências concretas nos pequenos locais de convivência.

Norbert Elias nos mostrou, de forma exemplar, a importância da “civilização dos costumes” como um instrumento para facilitar a interação social desde a “época da capa e espada” quando cavaleiro tinha a liberdade pulsional e o guerreiro gozava de liberdade selvagem. Todas as ações eram pautadas de modo quase que “instintivo”, “natural”. Isso, porém, não afirma que os homens da cavalaria da idade média não possuíam suas regras de conduta. O sentido de hierarquia podia mesmo ser considerada rígida.

Elias nos mostra como a formação do exterior do homem pode ser a expressão do homem em seu conjunto. O manual de Erasmo de Rotterdam é citado como tendo sido publicado pela primeira vez em 1530 e traduzido dois anos mais tarde para o inglês, depois de mais dois anos começa a ser usado como uma forma de “catecismo”. Na mesma época foi introduzido como manual nas escolas de meninos. Era descrita a arte da educação dos jovens. Em todas as publicações sobre o tema, até o final do século XVIII, aparecia como marca o termo civilidade (“*civility*”) impresso. Nos relacionávamos com o outro pelo olhar sobre o mundo de “maneira correta”, de modo que possibilitava a convivência mais fácil entre os homens.

Pode ser que o problema do “processo de civilização” seja apenas um aspecto do problema muito mais geral da “evolução da história”. Para o autor a história se funda de uma maneira que não é propriamente racional, mas nem por isso seria amorfa, uma vez que os movimentos racionais e emocionais se interpenetram, se repelem ou se fundem continuamente: “a interdependência entre os homens origina o nascimento de uma ordem específica, ordem mais imperativa e mais impositiva que a vontade e a razão dos indivíduos que ali estão no controle”. (ELIAS, 1975, p.181)

Assim, podemos constatar que existem leis específicas regendo os fenômenos de interpenetração social que não se identificam com o que o autor denomina de leis “do espírito do pensamento” (que seria a razão), da “planificação individual” (que seria a do desejo) e nem tampouco com àquelas da “natureza” (que seria a da emoção). Todas essas dimensões estão interconectadas de maneira indissociável no plano funcional.

Estamos falando da civilização que deve sua origem e sua permanência à dinâmica intrínseca de uma rede de interações, a modificações específicas do comportamento que a vida compartilhada impõe aos homens. A leitura de Norbert Elias é preciosa na medida que nos leva a refletir sobre o valor das inter-relações sociais para as mudanças que estão ocorrendo contemporaneamente no imaginário constitutivo do espaço que compartilhamos. As correspondências entre os homens criam novas dimensões do espaço, do território, do bairro e inventam a cidade. “A inquietude irremediável, a proximidade do perigo, a atmosfera geral de uma vida imprevisível e incerta, onde emergem, nas melhores das hipóteses, algumas frágeis ilhas de relativa tranquilidade, suscitam bruscas mudanças de humor”. (ELIAS, idem. p.191)

Podemos usufruir o profícuo pensamento do autor para compreendermos o nosso dia a dia das grandes cidades contemporâneas. A fecundidade das relações comunicacionais está provocando deslocamentos constantes e ao mesmo tempo fundando espaços sociais de circulação. Nós, homens, somos nômades, estrangeiros respeitando regras de convívio. Algumas portas, de certas cidades, podem se fechar diante do estrangeiro ou pontes se erguer para ligar comunidades. A questão se concentra na sociabilidade. Os modos de vida vão se transformando de acordo com o uso que fazemos dos espaços. O estrangeiro pode se tornar um elemento de extrema importância para nos afirmar como grupo. Reafirmamos o pequeno “círculo de aconchego” diante de uma ameaça estrangeira ao nosso modo de vida.

A questão da sociabilidade foi de grande importância para se pensar a cidade moderna. Simmel aprofunda esta questão em um texto que foi publicado pela primeira vez em 1902, chamado “A metrópole e a vida mental”. Para o autor o espaço marca a maneira de nos relacionarmos com o mundo e com o outro. A sociabilidade era vista de maneira conturbada devido à metrópole ser por excelência o lugar do dinheiro e da conseqüente divisão do trabalho, fator determinante das relações sociais e dos deslocamentos. O homem em um mundo de estímulos nervosos extremos criaria mecanismos de resistência a relações com o outro, devido à convivência muito próxima a que era obrigado na metrópole. Segundo Simmel, diante dessa situação tensa, criamos uma “atitude de reserva” como instrumento para nos afastarmos mentalmente daqueles que somos obrigados a conviver de maneira intensamente próxima. Essa atitude psicológica, para o autor, vem da desconfiança que os homens têm da superficialidade da vida metropolitana, que os torna reservados, e não chegam nem a conhecer seus vizinhos de muitos anos. “Na verdade, se é que não estou enganado, o aspecto interior dessa reserva exterior é não apenas a indiferença, mas, mais freqüentemente do que nos damos conta, é uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas, que redundarão em ódio e luta no momento de um contato mais próximo, ainda que este tenha sido provocado”. (SIMMEL, 1979. p.17)

O autor descreve as formações sociais apresentando a história da criação e da idéia de segurança do pequeno grupo, do “círculo de aconchego”, da comunidade de afinidades. Esta história é extremamente útil para sustentarmos uma reflexão aprofundada sobre as associações plurais nas cidades de hoje. Assistimos, de maneira explícita, no cotidiano de nossas vidas, grupos se formando, crescendo, morrendo, se confrontando, se odiando. A vida social, afinal, é composta de atrações e repulsas. A polifonia da cidade se faz presente através dessa pluralidade estruturante, dos encontros e desencontros. A característica violenta de certos grupos pode se justificar na tentativa de fortificar cada vez mais a sua congregação, a sua coesão. O ódio, de certa forma, serve para nos conformar unidos contra os que são estranhamente ameaçadores. Temos como moral gregária a obrigação de defender a pequena comunidade.

Seguindo a atualidade do pensamento de Simmel constatamos que na sociedade contemporânea permanece a idéia da existência de “um círculo relativamente pequeno firmemente fechado contra círculos vizinhos, estranhos ou sob qualquer forma antagonísticos. Entretanto, esse círculo é cerradamente coerente e só permite a seus membros individuais um campo estreito para o desenvolvimento de qualidades próprias e movimentos livres, responsáveis. Grupos políticos e de parentescos, associações partidárias e religiosas começam dessa forma”. (SIMMEL, idem. p.18).

Nesse momento quando as representações de mundo falam das sociabilidades modernas, constatando que as formas comunitárias fundadas por sentimentos, afetividades e emoções compartilhadas cedem lugar a relações contratuais, ainda podemos verificar, mesmo que de maneira implícita, as pequenas associações comunitárias dando vigor ao todo do social. As regras não seriam mais criadas no interior de uma comunidade, mas na autoridade exterior, na sociedade moderna, com seus códigos e leis. Esse é o pensamento que se quis fazer oficial, porém, ao lado, se reconhece que existem outros modos de interpretação onde as leituras e escritas que o homem comum pratica no cotidiano plural da cidade são respeitadas e levadas em consideração para se falar em valores gregários.

A história dos deslocamentos, marcante na cultura de massa, vai ser experimentada, de maneira intensa, no século XX com a sensação de viajar, de perambular, sem sair da poltrona. E isso de modo cotidiano e de dentro de nossas casas. Diante da televisão podíamos nos transportar para países distantes, ver e, de certa forma, viver em paraísos jamais imaginados. Os deslocamentos passam a se realizar na imaginação, e o corpo não precisa de mobilidade concretamente. A cultura de massa se alimenta dessa característica estrutural de sermos nômades. (MORIN. 1997)

Podemos dizer que a cultura urbana que nasce na modernidade é contraditória por ter características múltiplas, tais como: ser provocadora, instigante, massiva e plural. Esta cultura, que privilegia as mais variadas formas técnicas e conteúdos misturados vai viver das formas de comunicação na cidade. Ela vai crescer e se reproduzir em diferentes domínios do social. Vai transformar modos e estilos de vidas sociais, profissionais, sexuais, enfim, relacionais de maneira ampla. Vamos investigar alguns desses fatores que mudaram as imagens que criamos sobre a cidade de acordo com a efervescência do “espírito do tempo”.

É devido a essa mistura de conteúdos, inspirada em diversas culturas, que é possível viver a pluralidade de sentidos simbólicos circulantes no espaço da cidade. A efervescência cultural contaminava o ambiente moderno e delineava o que poderíamos chamar de “totalidades ficcionais” no mundo da comunicação de massa. (AUGÉ. 1997)

A cultura urbana que nos coloca diante de uma “forma padronizada” era até certo ponto fictícia, mas penetrou de maneira global no mundo. Este movimento gerou uma certa pasteurização na maneira de como apreciar a vida na cidade. Porém, observa-se claramente, que no dia a dia, sempre existiram indícios de reação a este processo. A resistência ao totalitarismo pode indicar a formação de uma sociabilidade que afirma o “local” – plural e fragmentado. Hoje, a nossa contemporaneidade vai afirmar a constituição de um “mundo imaterial” ao lado do “mundo material” moderno, um espaço para a construção do “capital cultural”(FEASTHERSTONE.1998). Os fragmentos plurais podem construir uma certa unidade que é da ordem do sensível. É no local que estabelecemos nossas regras de convívio na cidade. É no nosso bairro, na nossa cidade que criamos a vida em sociedade e valorizamos o nosso jeito de ser, nosso modo de viver em conjunto.

Não acreditamos que esse reflexo à celeridade seja apenas uma resistência à idéia de progresso desenvolvida “na modernidade clássica”. É um além quando forma novos modos de relacionamentos que poderemos chamar de comunitário. É um movimento que reflete toda a história dos deslocamentos modernos.

54

É certo que existe um novo corpo social em formação que sugere novas formas de conviver em sociedade, na cultura do cotidiano, e que nos faz repensar o nosso espaço de convivência no coletivo da cidade. Uma tentativa de vislumbrar o novo espaço que surge na contemporaneidade é na verdade pensar a possibilidade de se viver a sociabilidade sem o espaço moderno do civil, ao lado dos espaços vazios que foram produzidos na modernidade. Teremos que redimensionar a questão do vínculo social. As intensidades vividas nas relações cotidianas na cidade do Rio de Janeiro nos apontam para novas formas de sociabilidades tendo como base a interação simbólica. O novo vínculo social está baseado na afetividade dos laços que se estabelecem na cultura cotidiana das ruas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

ELIAS, Norbert. *La civilisation des moeurs*. Paris: Calman-Lévy, 1973.

_____. *La dynamique de l'occident*. Paris: Calman-Lévy, 1975.

FEATHERSTONE, Mike (organização). *Cultura global: Nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

MORIN, Edgar. *Cultura de massa do século XX*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977. Vol. I e II.

SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental". In: Otávio Guilherme Velho (org. e introdução). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo da antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

NOTA

55

¹ Referente a composição de João de Barros, o Braguinha, e Alberto Ribeiro chamada Copacabana. Na música aparece a Copacabana idílica na imagem de uma "princesinha do mar". A primeira gravação data de 1946 cantada por Dick Farney com arranjo e orquestração de Radamés Gnattali. Recentemente foi regravada por Nana Caymmi.